



Há meio século, no dia 25 de abril de 1974, Portugal testemunhou um dos momentos mais marcantes da sua história contemporânea: a Revolução dos Cravos. Nesse dia, as forças armadas portuguesas lideraram um golpe pacífico que derrubou o regime do Estado Novo, inaugurando uma nova era de democracia e liberdade no nosso país.

O Estado Novo foi o regime político que vigorou em Portugal durante 41 anos ininterruptos, desde a aprovação da Constituição portuguesa de 1933 até ao seu derrube pela revolução que hoje comemoramos, regime esse que reprimiu a liberdade de expressão (continuamos iguais ou piores), censurou a imprensa (continuamos iguais ou piores).

Todos nós sabemos que o povo português enfrentava dificuldades económicas e sociais, sendo que a guerra colonial em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau estava a levar o país para uma crise profunda (não estamos em guerra e continuamos iguais (ou piores)).

Em abril de 1974, um grupo de oficiais de baixa patente, inspirados por ideais democráticos e descontentes com a situação do país, decidiu agir sob a liderança do Movimento das Forças Armadas, planejaram e executaram uma operação militar surpreendentemente bem-sucedida.

O golpe foi marcado por um gesto simbólico notável em que soldados e civis trocaram cravos vermelhos, transformaram armas em flores, simbolizando assim a transição pacífica do poder.

A Revolução dos Cravos não só pôs fim ao regime autoritário, mas também abriu caminho para profundas transformações sociais, políticas e económicas em Portugal, tendo o país embarcado num processo de democratização, promovendo eleições livres e pluralismo político e realizou reformas significativas nos setores da saúde, educação e bem-estar social.

Hoje, cinquenta anos após a Revolução dos Cravos, celebramos as nossas conquistas, mas temos de refletir sobre os desafios que ainda enfrentamos. O país tornou-se uma democracia consolidada, com instituições sólidas e um respeito renovado pelos direitos humanos e pela dignidade individual. No entanto, persistem desafios, como a desigualdade social, a corrupção e a crise económica.

A celebração do 25 de abril é mais do que uma lembrança do passado; é um lembrete da importância de defender os valores democráticos e lutar pela justiça e pela igualdade. É um dia para homenagear aqueles que lutaram pela liberdade e para inspirar as gerações futuras a manter viva a chama da democracia e da solidariedade.

Que os cravos continuem a florescer, lembrando-nos sempre da fragilidade e da preciosidade da liberdade.

Também é preciso lembrar que após a euforia inicial da Revolução dos Cravos, Portugal embarcou num período complicado de transição política e social e foi no dia 25 de novembro de 1975 que o país testemunhou outro momento crucial na nossa história que marcou o fim da Revolução dos Cravos e consolidou o caminho para a democracia.

O contexto político que levou ao 25 de novembro era complexo e marcado por tensões ideológicas e disputas de poder, tendo Portugal mergulhado num período de agitação política, com diferentes forças políticas e militares competindo pela direção do país. À esquerda, havia o Movimento das Forças Armadas, que liderou a revolução inicial e promoveu reformas sociais e políticas progressistas. À direita, estavam os setores conservadores das Forças Armadas e da sociedade, preocupados e bem, com a radicalização política e social do país.

Essas tensões atingiram o auge em novembro de 1975, quando uma série de eventos desencadeou uma crise política profunda, onde as disputas entre facções políticas e militares, greves e confrontos nas ruas quase que levaram o país a uma guerra civil onde a extrema-esquerda, representada principalmente pelo Partido Comunista Português e pelos grupos revolucionários mais radicais, pressionavam por mudanças rápidas e profundas na sociedade portuguesa, enquanto a direita sempre procurou restaurar a ordem e a estabilidade.

Foi neste cenário de divisão e conflito que ocorreu o 25 de Novembro, onde no final, as forças



moderadas prevaleceram e ficou marcado o fim da tentativa de radicalização revolucionária em Portugal fazendo com que o país seguisse em direção a uma democracia pluralista, com eleições livres e respeito pelos direitos individuais e liberdades civis, tendo sido crucial para consolidar o processo de transição democrática em Portugal e para estabelecer as bases para a estabilidade política e o desenvolvimento económico que se seguiram até aos dias de hoje.

A revolução pode ter acabado com o regime do Estado Novo, mas o CHEGA, 50 anos depois acabou com o bipartidarismo a que Portugal esteve preso até ao passado dia 10 de março, bipartidarismo esse que com as suas políticas governamentais, financiamento, corrupção, eficácia institucional, má gestão e falta de investimento adequado, levou setores como a educação, a saúde, a defesa nacional, a segurança pública e a justiça a enfrentar desafios graves provocando uma situação extremamente preocupante.

Existem uma série de problemas sistêmicos que precisam ser abordados urgentemente:

A falta de investimento adequado leva à escassez de recursos, infraestruturas precárias e falta de pessoal qualificado.

A corrupção, desvios de fundos, nepotismo e má administração minam seriamente a eficácia e a equidade destes setores.

A desigualdade socioeconómica, a pobreza, o desemprego e outras questões sociais impactam diretamente a educação, a saúde e a segurança pública.

Para melhorarmos, é necessário um esforço conjunto de todos os setores da sociedade, incluindo o governo, a sociedade civil, o setor privado e os cidadãos em geral, visando políticas e práticas mais eficazes e responsáveis.

As autarquias locais também viram um grande incremento das suas competências, mas estão fortemente endividadadas e muitas não conseguem cumprir com eficácia as suas atribuições. Para além disso a descentralização de competências que se viram obrigadas a aceitar oneraram em muito os orçamentos municipais e tornaram-se em tarefeiros do poder central.

Hoje, ser de direita, defender a família e a vida, defender a Pátria e os símbolos nacionais, prezar a cultura e os costumes, ou tão simplesmente defender ideais diferentes dos que se auto intitulam de "politicamente corretos", é sinónimo de fascismo, mas agora sim, 50 anos depois do 25 de abril, com 50 deputados eleitos pelo Partido CHEGA, caminhamos enquanto sociedade para um Portugal realmente livre.

Que nunca nos esqueçamos das dificuldades e desafios enfrentados durante o período de transição pós-revolucionário e da importância de defender os princípios democráticos e o Estado de direito, celebrando assim a resiliência do povo português e da capacidade de superar divisões e conflitos em busca de um futuro comum de paz e prosperidade.

Se hoje estamos a celebrar este dia, muito o devemos ao 25 de novembro.

Portugal não está a venda, Portugal precisa dos portugueses.

Viva Portugal.

Ílhavo, 25 de abril de 2024

Grupo Municipal do Partido Chega

Sérgio Louro (Armando Loureiro)